O OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXII Volume | Redacção e Administração Travessa do Convento de Jesus, 4 | 20 de Janeiro de 1909 | Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27 | N.º 1082

Os Terremotos da Sicilia e Calabria

O BANDO PRECATORIO DOS BOMBEIROS MUNICIPAES E VOLUNTARIOS DE LISBOA, AJUDA, CASCAES E CINTRA

(De fotografia)

CHRONICA OCCIDENTAL

A' hora presente não existe nos homens d'estado, nem nas massas amorfas dos trabalhadores, o quietismo politico. Reaccionarios ou progressivos, batalham encarniçadamente. Lucta de classes e duello de raças, movimentam-se numa atmosfera de mentiras, num crepusculo baço de hipocrisias sociaes, que a todos nos tornam descontentes da vida, irritados, pessimistas. O desaccordo que todos sentimos entre as nossas convicções e o mundo existente é a causa primaria d'isto.

A aspera verdade, que entumecia a boca trovejante de Danton, rompe a custo pelo universo. Todavia, superior ás convenções de escolas politicas, sociaes ou filosoficas; acima de programmas de partidos, está a verdade; e a verdade, quando a procuramos no meio d'este emaranhado barathro de theorias, de principios, de interesses e de egoismos, que formam a politica, diz-nos que, a despeito de tudo, a liberdade tem sido uma mentira, porque tambem nunca foi mais do que uma simulação para muitos dos seus defensores; que a egualdade é um sofisma, e a fraternidade um sonho.

Mentidas todas as soluções que a revolução do seculo XVIII trouxe á vida politica; escarnecidas por uns, aceleradas pelas precipitações de outros, cobertas de vilipendio e de lama por muitos, essas soluções — os immortaes principios — desorganisadas, prégadas sem criterio, e feitas instituições sem disciplina, trouxeram as sociedades do presente ao estado de anarchia mental e publica, em que se encontram, sem que haja quem já tenha força de impedir que a vaga avolume e alastre por toda a terra, numa furia irresistivel. E' que taes soluções nunca foram compreendidas, e desde o seu principio só serviram para a satisfação de ambições e de interesses pessoaes.

E, de feito, o que por toda a parte se vê, é a mesma e eterna comedia de falar em nome do povo, apresentando o mais nobre altruismo, para cada um dos chefes de bando, seita ou partido ficar triumfante, sobranceiro e superior, satisfazendo o mais desenfreado egoismo.

Fere-se actualmente, com extraordinaria violencia, formidavel pugna entre velhos conservadores que sonham ainda com a auctoridade, provinda de Deus, os que a querem omnipotente e unica, sahida do povo, e ainda os que não admittem a existencia de auctoridade de especie alguma. Do choque formidando entre os que evocam um passado, que já não póde resurgir, e os

que ambicionam um futuro, que é uma colossal utopia, sae nitido e claro um facto: a dissolução do actual estadío social.

Quem comparar a politica de agora com a politica que ainda ha quatro annos tres quartas partes do paiz mantinham, com o seu applauso ou a sua indifferença, pasmará da mudança. Em poucos mezes, um espirito novo, voando, de norte a sul, nas correntes de opinião congraçou o paiz com o movimento democratico moderno, de que andava divorciado. Todas as sobrevivencias do absolutismo, todas as deformações reacionarias de regimen representativo, todas as violencias do despotismo manso, todos os abusos da anarchia financeira soffreram um abalo que, já agora, só poderá parar na condemnação definitiva d'esses erros, d'esses abusos e d'essas violencias. A regedoria, que ainda ha quatro annos era considerada intangivel e inamovivel, morreu; a representação de todas as correntes da opinião, que ainda ha quatro annos passava por heretica é um facto; a fiscalisação republicana, que ainda ha quatro annos era fulminada de excommunhão maior, é tida e havida officialmente como necessaria; ao espirito novo, ao espirito democratico, ninguem resiste: é um contagio, uma vertigem, uma doidice; e cada qual, para reconquistar o tempo perdido, procura ser mais democratico do que o seu visinho ou o seu adversario.

Mas sempre assim foi, desde que o mundo é mundo, e, sobretudo, desde a profunda transformação politica e social dos fins do seculo XVIII. Sempre as fermentações de uma sociedade roída de achaques geraram um tumor, um kisto, um abcesso, uma questão de que todos os outros males eram apenas simptomas ou consequencias; e sempre o tacto do verdadeiro estadista consistiu em discernir a confusão dos effeitos ou indicios, a verdadeira origem do mal e ir direito a ella com tal impeto que do choque adviesse uma revolução organica, universal e salvadora.

Assim acontece no mundo fisico. Sobem da terra, do mar, das campinas, dos pantanos, das ruas, das casas e até dos individuos, a respiração do solo, a transformação da vasa, a expiração dos pulmões, a gota de agua e a molecula do ar, a palavra e o microbio, a boa nova e a blasfemia, o riso e a lagrima, o amor e o odio, e tudo isto se vae accumulando no céu, ensombrandolhe o azul, ennevoando-o, adensando-se pouco a pouco em nuvens pardas, logo negras, e, por fim, ameaçadoras. E isto póde durar muitos dias. Mas, de repente, duas nuvens, duas pequenas nuvens carregadas de electricidades de nomes contrarios, encontram-se, e eis o raio, o trovão, a luz, a tempestade, a revolução generalisadas a todo o espaço. Então, e sem que ella mesma saiba porque, nenhuma molecula, por mais remota, por mais humilde, póde conservar-se indifferente á batalha e, d'ahi a nada, tadas molham a sua sopa, umas mais outras menos, a ver em que param as modas. Ora se no ceu luctam as electricidades, na terra luctam as ideias, que electricidade são e da mais luminosa, comburente e penetrante.

Por isso o tino do grande pensador, do grande filosofo ou do grande estadista está em acertar com a questão que, num dado momento historico, é o centro de gravidade de todas as outras questões. Atacal-a, deslocar-lhe o centro de gravidade, é deslocar o equilibrio de todo o sistema, é provocar uma explosão de ideias, sentimentos e paixões que vão desde a resultante até á componente mais infima; é, uma vez dado o impulso, deixar que do embate entre as forças novas e as velhas resulte um novo equilibrio mais conforme á verdadeira estabilidade dos povos. E, se querem a prova cabal, concreta, d'esta doutrina, basta que peguem, ao acaso, na biografia de qualquer dos homens qne realmente marcam na historia da civilisação. Será então facil de verificar que, atravez de mil pormenores e accidentes, a acção de cada um d'esses homens foi dominada por uma questão, ou por um pequeno numero de questões fundamentaes que, uma vez solvidas, facilitavam a solução de todas as outras.

Ha em todas as revoluções dois periodos nitidamente distinctos: o periodo theorico e o periodo de acção. Assim a revolução é ideia e movimento. Antes de cada grande facto historico existe um conjuncto de ideias que o determinam. Atrás de cada grande movimento forma-se um vasto trabalho intellectual, que prepara esse movimento; foi isso em todos os tempos, comprova-o toda a historia.

As revoluções são sempre a resultante dos grandes esforços d'um longo periodo de preparação, ás vezes inconsciente, que vae até epocas distantes, obra de todos os pensadores, de diversos oradores, de differentes genios, de varios heroes, e de multiplices martires do pensamento.

Em cada epoca existe sempre em germen um espirito de revolução, que é tanto mais intenso, quanto mais se aproxima do seu periodo de explosão. Nos tempos que precedem as grandes revoluções, observa-se em todas as manifestações da actividade intellectual esse espirito revolucionario, nas obras litterarias ou scientificas, nos discursos sagrados ou profanos, em todos os productos da intelligencia.

Ha nas camadas sociaes como que um rumor oculto, especie de lava subterranea, que tanto mais vae aumentando na intensidade do ruido, quanto mais se avisinha o momento de explodir.

A vida das sociedades é este movimento constante do seu organismo, conjunto assombroso de todas as aptidões e de todas as faculdades, produzindo a crença, o desejo, a aspiração, a razão, o amor, o odio, a liberdade, a justiça, a industria, o comercio, a sciencia, a arte, a religião, a legislação, a palavra. Tudo isto se move, e tudo isto se convulsiona.

Ora as grandes transformações sociaes operam-se depois d'uma modificação profunda nas idéas dos povos; isto é, a revolução faz-se primeiro no pensamento e depois na sociedade. E' nas idéas, nas concepções e nas crenças que se efectuam as grandes revoluções historicas.

Assim, as organisações sociaes permanecem por um periodo maior ou menor, emquanto se mantêm em condições de equilibrio, emquanto os ideaes que determinaram um estadio social não se perdem, e os principios em que repousaram não morrem; emquanto os egoismos não se desencadeiam, e os estimulos não se afundam na ociosidade corruptora ou na avidez insofrida. Então alevantam-se novos ideaes, definem-se novos principios, propagam-se novas theorias, combate-se o existente, para o aniquilar em nome dos erros que á sua sombra os homens vão cometendo, e os novos ideaes, formulados no cerebro dos pensadores, vêm dar impulsividade ás multidões.

A multidão apodera-se do ideal por uma especie de sugestão, que se enraiza facilmente na sua extrema credulidade, ideal que se impõe immediatamente, por um contagio, a todos os cerebros. As multidões têm uma grande sugestionabilidade, que as impelle sempre a tornar em facto o pensamento que as excita. Assim, prestam-se com o mesmo entusiasmo a um acto de dedicação ou a uma selvageria.

As sociedades vão caindo no poder das multidões. Sente-se este fenomeno por toda a parte, e em todas as relações da vida. As praças publicas triunfam sobre os gabinetes, e em vão se pede que os males sejam corrigidos; debalde se faz a apologia de medidas energicas e de meios repressivos. Tudo isso é frustrado. A democracia avançou demais, para que a façam recuar agora.

João Prudencio.

OS TERREMOTOS DA SICILIA E CALABRIA

Ainda não tranquilisou completamente a grande ilha Siciliana que foi abalada de suas entranhas e das maiores profundesas do mar que a circunda, incendiada pelas lavas vulcanicas, que em momentos arrazou a obra humana de seculos.

Ainda não tranquilisou, e vão já decorridos bons vinte dias desde o momento em que se sentiu abalar em suas bazes e os seus edificios derruiram, e por toda a superficie da ilha se abriram crateras vomitando fogo e envolvendo tudo em densas nuvens de fumo e cinsas, como que a ocultarem a grande obra de destruição que ali se operou.

Sempre o eterno *pó, terra, cinsa e nada*, a intimar ao homem o nada das coisas humanas, que no tempo representam tanto trabalho, tanto esforço, tanta luta atravez de seculos, e que para o infinito da eternidade não tem medida, não tem valor, mais infimo do que o grão de areia que o homem não sabe nem póde fazer.

Não pensemos nisto porque seria pensar na morte e é preciso viver, e agora, quando para mais não seja, para cuidar dos vivos, como disse Sebastião de Carvalho ante as ruinas de Lisboa.

Cuidar dos vivos tem sido o grito unisono de todos os povos em acudir á enorme desgraça que se estende pela Sicilia e Calabria! Cuidar dos vivos é o anceio da grande familia humana numa solidariedade, que não destingue raças nem fronteiras, e que tudo abraça num desmedido amplexo de egualdade e de amor. Não ha nobres nem plebeus, não ha poderosos nem humildes, ricos ou pobres, sabios ou ignorantes, que ali tudo ficou por egual. Vaidades do mundo todas se nivelaram na desgraça que a todos feriu e que mais aproxima os homens.

Mal passada a primeira impressão de espanto da horrorosa catastrofe seguiu-se o impulso humanitario, e então de toda a parte se enviam socorros.

Do que primeiro se cuida é de salvar vitimas que se debatem com a morte sob os escombros. Ouvem-se gritos lacinantes e cavos que vem do subsolo por cima do qual se amontôam ruinas. Feridos uns, outros semimortos jazem estendidos por terra, ou imploram de joelhos a clemencia do ceu; muitos, ilesos, correm como loucos em todas as direções, sem saber para onde ir refugiar-se, porque a terra falta-lhe debaixo dos pés. No meio desta desordem, oh! vergonha humana, crime hediondo, desnaturado, cruel, bandos de salteadores, saqueiam por entre os escombros, roubam aos mortos, aos feridos, aos que não se podem defender, valores e joias que lhe encontram, ainda que para isso seja precizo mutilal-os, matal-os, completar a obra de destruição, com consciente impiedade, e mais ainda, com ferocidade inexplicavel cometem atentados impudicos que a penna não póde nem deve descrever.

Foi este o indescritivel espetaculo que encontraram os primeiros marinheiros e soldados que ali acudiram. Marinheiros de navios francêses, inglêses e russos, e soldados italianos, da tropa que o governo mandou logo que teve noticia do terremoto, comandada pelo general Mazza.

Obraram-se prodigios de valor para arrancar dentre os escombros centenares de victimas que lá jasiam ainda com vida. Emquanto uns se ocupavam nestes salvamentos, outros transportavam os feridos para serem tratados nas primeiras tendas que foi possivel armar. O povo acudia á beira mar e encaminhava-se para os caes a embarcar nos navios que iam chegando ao porto de Messina.

Entretanto chegava o rei Victor Emmanuel e a rainha Elena que acudiam presurosos ao logar da catastrofe.

O rei percorre a cidade por entre as ruinas e anima os trabalhos de salvamento, socorre tambem os feridos e dirige o embarque destes que vão ser tratados nos hospitaes de Napoles e Roma que depressa se enchem, sendo preciso improvisar enfermarias noutros edificios, entre elles o palacio real, que Victor Emmanuel põe á disposição para esse fim assim como o palacio de Cazerta.

Por sua parte a rainha Elena, apesar de gravida, não hesita em se expôr ao penoso trabalho de cuidar dos feridos e é ella que dirige e ajuda o tratamento destes, a ponto de adoecer tambem, não só pela comoção e fadiga, mas por ter ficado contundida no peito por uma doente que loucamente se arremessou sobre ella. O caso passou-se da seguinte maneira: sua magestade estava a bordo do *Reina Elena* tratando de feridos, quando uma mulher das sobreviventes do terremoto, angustiada, louca de dôr, entrou na enfermaria em grande exaltação e a gritar, que mais valia morrer do que sofrer tanto.

Então uma doente ferida, ao ouvir aquellas palavras, levanta-se da cama como louca e dirige-se para a porta da enfermaria para se ir deitar ao mar. A rainha impede-lhe, porém, a passagem pondo-se na frente da porta, mas a doente desesperada investe de cabeça contra o peito da nobre senhora, fazendo lhe deitar algum sangue pela boca.

Não obstante este lamentavel incidente, a rainha não quiz fazer nenhum tratamento e continuou na sua peregrinação a tratar dos doentes. A coragem e abnegação da soberana foram sem limites, e assim conta-se que sendo preciso operar uma mulher, faltavam, além de aparelhos, pessoal competente, a rainha logo se prestou a coadjuvar os medicos na operação, como a mais dedicada enfermeira.

Para acudir ás creanças de mama, mandou a rainha amas para Palermo.

Para acudir á nudês da maior parte dos feridos, a mesma augusta senhora improvisou, numa barraca, uma oficina de costura com vinte mulheres onde se fizeram roupas para todos os feridos, no espaço de algumas horas.

Na sua peregrinação por entre aquella desgraçada gente a rainha Elena encontrou uma creança que, toda chorosa, se lhe acercou suplicante, de bracinhos estendidos.

— Que queres, minha filha, perguntou lhe a rainha; onde estão teus paes?

— Não sei, disse a creança; e por entre lagrimas: a minha boneca não sei della. Perdi-a!

Pobre e innocente creança, que não conhecia toda a grandesa da sua desgraça!

A rainha, condoída, procurou logo uns trapos com que arranjou, conforme poude, uma boneca para contentar aquella innocente.

Scenas não menos comoventes se passaram com o rei Victor Emmanuel, na sua peregrinação por entre as ruinas, onde a sua presença animava os feridos e o povo o bemdizia exclamando: «Não está tudo perdido, ainda temos o nosso rei.»

Muitos dias se gastaram no salvamento das victimas com penosos trabalhos para as desenterrar dentre os escombros, onde tanto morriam de ferimentos recebidos, como de horror, de fome e de sede. Apesar da chuva cahir em abundancia, as fontes haviam secado e a falta de agua potavel sentia-se por toda a parte.

Nos primeiros dias tanto houve que acudir aos vivos e feridos como a enterrar os mortos, que se corrompiam e empestavam o ar. Mas houve ainda mais: foi preciso dar caça aos malfeitores, aos salteadores e, acaso, dos soltos das prisões que se haviam desmoronado.

Para se restabelecer a ordem foi preciso declarar o estado de sitio e fazerem-se execuções sumarias, quando os soldados os não alvejavam com as suas espingardas por entre os escombros onde elles andavam na rapina de toda a especie.

Só assim foi possivel ir restabelecendo a ordem e poupar a vida a muitos desgraçados colhidos sob as ruinas.

Entre as inumeraveis scenas comovedoras que ali se passaram, aparece um caso curiosissimo de telepatia, constatado pelos drs. Spinelli Bonini e Calligares, e contado por um correspondente do *Matin*.

E' o seguinte:

Um soldado italiano, Francesco Gatto, achando-se de serviço em Messina ali se enamorara de uma rapariga siciliana chamada Menichella Sparado, serviçal em casa de um capitão reformado.

Francesco, tendo de retirar-se para Napoles, deixára o seu casamento ajustado com a joven Menichella, para o mez de maio proximo, quando esperava acabar o serviço e voltar a Messina.

Nesta esperança vivia o pobre soldado, quando sucedeu a catastrofe, e logo telegrafou a saber noticias da sua noiva. Em vão, porém, esperou resposta, e prevendo que ella fosse uma das victimas da horrorosa catastrofe, decidiu-se, comtudo, a partir para Messina, ainda que não fosse senão para chorar sobre o cadaver da desventurada rapariga.

Quarenta horas gastou para lá chegar, que foram como seculos, até que emfim se encontrou sobre as ruinas da cidade, dirigindo-se immediatamente para a sitio da casa do capitão reformado, mas esta tinha abatido e desaparecido a familia, não dando ninguem noticia de Menichella.

Dirigiu-se ao caes e passou horas e horas a vêr se entre as pessoas que embarcavam iria a sua noiva, sã ou ferida; mas baldada deligencia.

Percorreu toda a cidade procurando, se por entre os mortos que jaziam ainda insepultos, estaria o cadaver de Menichella para sobre elle chorar sua desdita; tambem não.

Vencido pela dor e pela fadiga, adormeceu num somno agitado e sonhou que via a sua noiva á janella da casa em chammas e que aflita gritava: «Socorre-me, Francesco! Salva-me!»

Este aflito sonho acordou o pobre soldado em sobresalto, e julgando-o uma realidade, dirigiu-se immediatamente, debaixo de chuva e frio, pela noite escura, procurando orientar-se no caminho a seguir por entre escombros até á praça de San-Martino, onde acampava a tenda do tenente Vitor Gallo, que acordou, não obstante as dificuldades que lhe opoz a sentinella para chegar junto delle, e disse-lhe em grande afligão:

— Meu tenente, ainda ha uma pessoa viva debaixo das ruinas. Salve-a!

Passava das duas horas da madrugada. Francesco contou o seu sonho ao tenente, por entre copiosas lagrimas que o comoveram a ponto de mandar com Francesco, soldados e ferramentas necessarias para proceder ao salvamento.

Chegados ao sitio da casa derruida, Francesco gritou com toda a força de seus pulmões por Menichella para que esta o ouvisse e lhe respondesse.

Não tardou que dentre as ruinas se ouvisse uma voz meio sumida dizer: «Estou viva, salva-me!»

Principiou logo o trabalho de desobstroção e ao cabo de sete horas, conseguia Francesco e os seus camaradas retirar dos escombros a joven Menichella, em camisa, com os pés meio gelados, e que se lançou nos braços do seu noivo.

Contou-lhe que se lembrava do terremoto, mas que depois perdera os sentidos, que recobrara havia poucas horas. Mais se lembrava que antes de acordar chorara muito e chamara por Francesco.

Este caso de telepatia é seguramente um dos mais extraordinarios que a sciencia póde registar.

* * *

Salvar as vitimas sobreviventes á catastrofe, não é tudo numa terra que ficou devastada, onde os recursos materiaes faltam completamente. A maioria dos feridos e dos sobreviventes tem sido transportada para outras terras de Italia, e para aquelles que não querem abandonar a sua terra, tem sido armadas barracas para se abrigarem.

De toda a parte se tem enviado comestiveis, roupas, camas, de quanto é possivel em beneficio de tão grande desgraça. Dinheiro, medicamentos e confortos de toda a especie, navios e navios tem transportado, que o porto de Messina mal chega para os conter. Os governos das nações tem destinado somas importantes para aquelle fim. O rei Victor Emmanuel já deu, só em dinheiro, um milhão de liras, ou 160:000$000 réis. O Papa deu tambem outro milhão de liras e os cardeaes 20:000. O governo dos Estados Unidos da America do Norte, votou por proposta do seu presidente Roosevelt 500:000 dolares e mandou dez navios com viveres, roupas, madeiras, etc.

Sobem a milhares de dolares as subscripções abertas naquelles estados, e são importantes as quantias enviadas pelos governos da França, da Inglaterra, da Alemanha, de Espanha e mais nações, subindo tambem a grandes somas os donativos particulares.

Portugal é dos paises que mais se esforçam para acudir a tão grande desgraça, e nisto está o sentir de todos os portuguêses.

O nosso governo tratou logo de enviar a Messina o *Vasco da Gama*, o qual já ali chegou levando trinta mil rações no valor de 6:000$000 réis, não levando mais por o navio mais não poder acomodar.

El-Rei D. Manuel convocou para o paço das Necessidades uma grande comissão, para o auxiliar nos socorros a prestar aos sobreviventes da catastrofe.

Presidiu Sua Magestade e estiveram presentes, além de El-Rei e Rainha D. Amelia, os srs.: Infante D. Affonso, por si e por sua augusta mãe; ministros do reino, guerra, marinha, estrangeiros e obras publicas, duques de Loulé e de Palmella, marquês da Praia, condes de Sabugosa, Figueiró e Porto Covo, conselheiros Moreira Junior como vice presidente da Cruz Vermelha Portuguêsa, Serpa Pimentel pela camara dos pares, Pereira de Miranda pela Santa Casa da Misericordia, Ferreira do Amaral pela Sociedade de Geografia, Driesel Schroeter pela Associação Comercial, dr. Libanio Fialho Gomes pela camara dos deputados, Henrique Taveira pela Associação Industrial Portuguêsa, dr. Corry Cabral pelos hospitaes civis, conselheiro Mello e Sousa pelo Banco de Portugal, dr. Oliveira Feijão pela Associação de Agricultura, D. Antonio Mendes Bello, patriarca de Lisboa; conselheiro Fernando de Sousa, capitalistas José Maria dos Santos, José Ferreira do Amaral, Henrique Mendonça e Carvalho Monteiro, conselheiros Eduardo Vilaça, Moraes de Carvalho e Ferreira Lobo, este ultimo pela Associação dos Jornalistas, e coronel Abel Botelho, pela Associação da Imprensa.

El-Rei, referindo-se á catastrofe da Italia e frisando bem a sua imensidade, lembrou o dever de todos aquelles que pudessem, concorrer de alguma forma para minorar um pouco a sorte das vitimas daquella desgraça e em sentidas frases apelou para o coração de todos os presentes, pedindo-lhes a sua coadjuvação.

Em seguida usou da palavra o sr. patriarca, exaltando o procedimento de El-Rei e dizendo que faria tudo quanto pudesse em favor desses desgraçados.

Passou-se depois á nomeação da comissão central, que ficou assim constituida:

Presidente, Sua Magestade El-Rei; vice-presidentes, os srs. marquês da Praia e José Maria dos Santos; tesoureiro, sr. dr. Carvalho Monteiro; secretarios, srs. conselheiro Ferreira Lobo, Manuel de Castro Guimarães, Henrique de Mendonça e Abel Botelho, podendo esta comissão agregar a si qualquer outra pessoa que julgue conveniente.

A comissão central réuniu-se depois, no paço, iniciando os seus trabalhos.

E' já importante o resultado desta comissão á frente da qual subscreveu El-Rei com 1:000$000 réis, a Rainha com 500$000 réis e o Infante D. Affonso com 200$000 réis. Seguem-se os srs. marquês da Praia e Monforte, 200$000 réis; José Maria dos Santos, 500$000 réis; dr. Carvalho Monteiro, 1:000$000 réis; Henrique de Mendonça, réis 400$000; marquês de Franco, 500$000 réis; direção da Associação Industrial, 100$000 réis; conselheiro Schroeter, 100$000 réis; Manuel de Castro Guimarães, 200$000 réis; conde de Sabugosa, 50$000 réis; marquês de Valflor, 500$000 réis; duque de Palmella, 500$000 réis: D. Aurora Macedo, 500$000 réis, e Francisco Mantero, 400$000 réis, continuando ainda a subscrição.

A Sociedade da Cruz Vermelha abriu tambem subscrição entre seus socios e já fez tres remessas de 5:000 liras cada uma.

Os bombeiros voluntarios da Ajuda, de Lisboa, de Cascaes e de Cintra, encorporados com os bombeiros municipaes de Lisboa, realisaram dois bandos precatorios n'esta capital, recolhendo perto de 3:000$000 réis, e continuam o peditorio em domingos que se seguem.

Os teatros estão dando recitas em beneficio das vitimas sobreviventes, e tem-se realisado saraus para o mesmo fim como o da Sociedade de Geografia, o dos estudantes e outras corporações, que todos á profia querem concorrer para tão humanitaria obra.

Por todo o Portugal se abrem subscrições, se dão espetaculos, em teatros e clubs, para acudir áquella desgraça, e não ha associações de todas as classes, empresas e corporações de toda a especie, onde não se recolham donativos.

A alma portuguêsa não tem limites no bem fazer, e estamos seguros que entre todos os povos que se cotisam para acudir aos efeitos da horrorosa catastrofe da Sicilia e Calabria, o povo português, guardadas as proporções de numero, será dos que mais avolumará no rol de tantas benemerancias com as melhores flores da sua inesgotavel caridade.

Messina sob o ponto de vista geologico

A geologia, ciencia que podemos considerar relativamente moderna, teve por assim dizer o seu inicio na Italia, em 1517, devido aos trabalhos do sabio Frascatori talvez, por causa d'esse paiz ser sujeito a convulsões vulcanicas, interessassando esse facto o conhecimento integro do assumpto.

Foi, no emtanto, em 1746, que Buffon espôs factos acertados sobre esta ciencia.

Agora, que Messina foi teatro da maior das catastrofes que os seculos XIX e XX teem presenceado, ocorre dizer alguma cousa sobre a geologia d'esta região.

Tem a palavra sobre esta questão, o eminente geografo dr. Silva Telles, um dos mais distintos, senão o mais notavel, que Portugal possue. Afirmou o notavel conferente na sessão da Sociedade de Geografia, em 11 de janeiro, que a Italia, especialmente a Sul, está sujeita a grandes manifestações de instabilidade arquitetonica.

Os antigos fragmentos de Tyrrhenida, verdadeiras ilhas, foram se deprimindo a pouco e pouco por fenomenos lentos e bruscos; fecharam-se os antigos canaes que abriam passagem entre o Jonico e a bacia Romana (canaes do Sarti, Catanzaro, Messina, Aspramonte, etc.). O estreito de Messina, de formação terciaria, foi já muito mais largo e está destinado a se obliterar como os outros. Em todo o Sul da Italia o levantamento continúa ainda e faz-se do Norte para o Sul.

Dão-se complicações estratigraficas, deslocamentos formidaveis, circos de afundimento, vulcanismo ativo, seismos violentos, grandes alterações batimetricas, innumeras fracturas. Todos estes fenomenos mostram sem duvida que estão entre si intimamente relacionados. Elles dependem tambem das condições locaes. Essa região apertada entre os massiços de Africa e do centro da Europa (formações hercinicas e paleozoicas) contrae-se e flecte-se, de sorte que as suas manifestações seismeticas e vulcanicas são fataes. O Estreito de Messina é o ultimo dos estreitos terciarios. Encontra-se entre a formação primitiva do Peloritano, perto de Messina e as da mesma edade da Calabria. As suas condições estructuraes são as mais vantajosas para os fenomenos sismicos e vulcanicos. A terra siculo-calabreza é, por varias razões tectonicas, a mais movimentada de todas as do Mediterraneo. Nella se encontram immensas fracturas que são linhas de instabilidade arquitetonica; as suas curvas insonnomalas de gravidade traduzem essa instabilidade. Collocada entre as fossas abissaes do Jonico e do

Os Terremotos da Sicilia e Calabria

S. M. a Rainha Elena

S. M. o Rei Victor Emmanuel

O Rei Victor Emmanuel sobre o quebramar de Messina vigiando o tranporte de feridos para o embarque

(De fotografia)

Os Terremotos da Sicilia e Calabria

Os sobreviventes de uma aldeia da Costa dirigindo-se para Messina, em procissão

Os sobreviventes da catastrofe e feridos, no Corso Victor Emmanuel, embarcam nos lanchões que os conduzem para bordo dos vapores

Ruinas de uma casa de Messina, em que cahio a frontaria ficando quasi intactos os aposentos — *(De fotografiias)*

Tyrrheno, os afundimentos destas zonas provocam elevações ativas na faixa siculo calabrêsa. As suas ilhas vulcanicas, produzidas entre nucleos de formação massiça, significam uma extrema atividade do seu solo. E' portanto a região predistinada para os mais violentos tremores de terra. Mais de 1:500 foram já observados, e dos mais violentos. Ha povoações que sofrem abalos de terra cem vezes por anno.

Os scísmos ou tremores de terra da zona siculo-calabrêsa -- prosegue o orador — tem, por tanto, causas estructuraes, geraes. E' a sua maior intensidade de que em outras zonas do sulco Merogeu provem das condições topograficas do sul da Italia.

Os seísmos podem ser «axiaes» ou na direcção das fracturas, «rectilineos» ou curvilineos: ou «centraes» que segundo as causas occasionaes, se chamam «vulcanicos», por «desabamentos», por «explosão» ou «mixtos»; ou «regionaes» quando se distribuem mais ou menos irregularmente; «locaes», «tangenciaes» ou «verticaes».

O tremor de terra que provocou a destruição de Messina e de Reggio é «vertical»; a impulsão foi «ativa»; o seu epicentro deve ter sido na linha que vae de Messina a Reggio passando pelo estreito. Deve ser considerado «central», visto a sua propagação não se ter feito sentir na direcção de todas as fracturas que passam por essa zona. Não se conhecem ainda as observações recolhidas pelos observatorios italianos, para se poder classificar com precisão a especie de macroseísmo que provocou essa catastrofe. No Sul da Italia é muito dificil especialisar a variedade sismica.

Quasi todos os tremores de terra são «mixtos», isto é, devidos a desabamentos, a explosões, a afundimentos lateraes nas fracturas com os consequentes levantamentos ativos. E' assim que se explicam todos os levantamentos que cortaram a antiga communicação da Sicilia com a Africa e que fecharam os canaes que existiam entre os diversos fragmentos da Massa Tyrrhena.

A conclusão é que os movimentos sismicos do Sul da Italia não se podem produzir em regiões que não apresentem as suas condições estructuraes.

Os Appeninos são as montanhas mais novas da Europa. São plissadas na sua metade norte; a metade sul, irregular, vae-se elevando e essa elevação continúa ainda. A Italia cresce; é uma terra, na sua maior parte, com signaes juvenis. D'ahi a sua mobilidade estructural, a sua agitação e a sua instabilidade.

Segundo Camillo Flamarion não foram as proximidades dos *vulcões* a causa do grande terremoto de Messina.

São quatro as causas principaes conhecidas dos tremores de terra ou *scismos:*

1.º Os *vulcões;*

2.º Desmoronamento de massas rochosas internas;

3.º Explosões produzidas no interior da terra por acumulação de vapor d'agua a alta tensão;

4.º Fenomenos de deslocação da crosta terrestre;

A opinião do illustre sabio francez atribue á terceira causa citada, o desmoronamento de Messina.

As regiões mais contempladas para estas catastrofes são, a costa oeste da America e as tres peninsulas da Europa: Hespanha, principalmente a Andaluzia, região Appenina e os Balcans.

Felizmente, em Lisboa são mais raros os terremotos do que na Sicilia, ou região da Calabria onde se observam em média, por anno, cem abalos.

Os principaes seísmos havidos depois do terremoto de Lisboa em 1755, foram os seguintes:

Lisboa (1 de novembro)	1755
Messina	1783
Scylla (Italia)	1785
Quito (Equador)	1797
Andaluzia	1802
Caracas	1812
India	1819
Andaluzia	1826
Andaluzia	1829
Andaluzia	1836
Cidade da Praia	1840
Andaluzia	1841
Ponte a Pitre	1843
Andaluzia	1849
Japão	1855
Calabria e Lisboa	1857
Hawai	1858
Andaluzia	1860
Perú	1865
Mexico (30 de dezembro)	1868
Manilha	1880
Japão	1881
Ischia (28 de julho)	1883
Java (26 de agosto)	1883
Andaluzia (25 de dezembro)	1884
Estados Unidos	1886
Nice e Genova (23 de fevereiro)	1887
Japão	1891
Florença	1895
Martinica	1902
Valparaiso	1905
S. Francisco	1906
Turkestan — Jamaica	1907
Messina	1908

D'este mapa parece concluir se que estamos entrando em um periodo ativo de convulsões terrestres que, segundo o padre Alfani, diretor do observatorio de Genova, deverá continuar durante alguns annos, dando logar a destruições de villas inteiras e povoações, de uma fórma tão intensa como a que se deu em 28 de dezembro de 1908 em Messina.

Em Lisboa, os vulcões extinctos ha milhares de annos, parece quererem continuar a sua letargia em que se teem conservado. Quasi toda a Hespanha, excepto a Andaluzia, parece ser uma região fóra de qualquer centro sismico ativo, que o dr. Silva Telles denominou região morta. Apenas alguns pontos de Portugal parecem estar no estado nativo, quanto a centros de evolução vulcanica e esses pontos são, segundo o mesmo, aquelles que se acham dentro da aria do triangulo cujos vertices estão colocados, pouco mais ou menos, no Porto, em Setubal e em Abrantes.

Antes porém, de estes pontos demonstrarem a sua atividade absoluta, será necessario centenas de annos.

Isto não quer dizer que estejamos isentos de novos abalos, como sucedeu em 1755, mas a maior parte dos terremotos succedidos em Lisboa, são provenientes de abalos succedidos na Andaluzia.

Se compararmos o numero de abalos destruidores sucedidos na Andaluzia, Calabria, etc., com os que se teem observado em Lisboa, poderemos dar graças a Deus, de que, apezar de não estarmos livres de perigo, no emtanto temos mais probabilidades a nosso favor do que contra.

Portugal acha se na zona de depressão mediterranea, onde se produzem por vezes abalos fortes. A linha que liga os pontos mais sujeitos a contrações vulcanicas, passa pelas ilhas de Sonda, Pacifico, Panamá, Antilhas e o meio do Atlantico. Esta linha é um rosario de vulcões, e sobre o seu percurso, os tremores de terra, achando uma parte fraca na crosta terrestre, manifestam-se de preferencia a outros pontos, e por isso, Portugal (principalmente a parte meridional), Hespanha, Algeria, Provença (França), Napoles, Sicilia e Grecia são por vezes vitimas dêsses abalos.

Se deste rosario, eliminarmos a parte onde os vulcões em atividade não existem, ou onde os centros sismicos se não manifestam, restam nos pois, na Europa, como pontos fracos do globo, com relação a convulsões vulcanicas, a Andaluzia, a Italia meridional e a Sicilia.

ANTONIO A. O. MACHADO.

QUADROS DE HESPANHA

I

A Rosa de Granada

(Concluido do n.º 1081)

Maria, *Rosa de Granada*, como lhe tinha chamado o *Moreno*, naquella noite de gratas recordações para ambos, morava com sua mãe, uma velhinha com os cabellos côr de prata, a quem sustentava, com o magro salario de modista; ha muito que abandonára o officio de cigarreira, e como Granada não tivesse fabrica de tabaco, cosia em casa.

Moravam um pouco fóra da cidade, n'uma casa estylo mourisco, como tantas que existem n'essa linda Granada; revestida de formosos azulezos de variadas côres, uma amendoeira florida dava sombra na *reja* da janella baixa, ornada de vasos onde se via o junquilho, o cravo, a rosa e os lyrios olorosos e por cima, dos passarinhos nos suas gaiolas classicas que cantavam amores.

Era ahi que Rosa se punha a coser durante os longos dias mal o sol illuminava a terra; já ella estava no seu logar, muito penteada e com duas flores na cabeça cheia de nova alegria!

Vicente, o *Moreno*, pela noite alta, abandonava a Serra, descia aos atalhos, entrava pelas ruas mais escuras e quando voltava a esquina de *la calle Afligido*, orava uma prece por alma de sua mãe; aquelle santo amarellento, que parecia dormir num sonho venturoso pregado na cruz, incutia lhe bastante fé no seu coração *christiano.* Amarrava o cavallo á amendoeira, dava dois golpes na *reja*, e Rosa, apparecia, sempre alegre e mais bonita, aos olhos do seu moreno: alli (1) *pelavam la Pava*, juravam-se mil vezes amar-se até á morte; os olhos beijavam-se no mesmo fogo, os corações pulsavam juntos e a alma d'esses dois seres, era a encarnação sagrada do amor bemdito!

Uma noite, trouxe-lhe elle um collar de perolas lindissimo e disse-lhe: deixa que ponha este collar nessa garganta, amor meu! Não foi roubado, isto, é um *recuerdo* do meu pae á minha mãe, no dia que Deus os uniu nos ternos laços do amor!

E ella, cheia de orgulho por ser querida desse peito moreno, com as lagrimas nos olhos, disse-lhe sorrindo: *gracias, alma mia!*

E Vicente, como prova de amor, pediu-lhe o caracol de cabellos negros que lhe caia sobre a fronte — a que ella annuiu do melhor agrado, entregando-lh'o, e elle guardou-o no seio, como reliquia do mais subido valor. E o moreno, cantou ao estylo da sua terra:

«Si er queré bien es delito,
Yama á un jues pa que me prenda
Y que me yebe á la carse,
Qu'en mi queré no hay ermienda.»

....

Ainda as estrellas brilhavam no céu azul de Granada, e o *Moreno* despediu-se depondo um bejo de fogo na bocca ardente de Maria — o primeiro beijo de amor!

Vicente, seguia sempre pelos caminhos da serra, e desta vês seguira pelas margens do rio Genil, ouvindo os murmurios e os queixumes da agua crystalina que ia levada na corrente morosa do seu leito de prata. A natureza ia despertar, um perfume suave e penetrante espalhava-se pelo espaço, os pulmões dilatavam-se cheios de novo ar e os passos do ginête no cascálho quebravam o silencio.

....

Ha muito tempo que a *Guardia Civil* andava em procura d'um criminoso vulgar, d'um miseravel, incapaz de commetter uma acção generosa, que não fosse o d'assassinar o primeiro viandante que visse no caminho para tirar-lhe um real. Eram baldados todos os exforços para descubrir o paradeiro do facinora, por que, ora apparecia em *Alhama*, ora em *Guadix*. Um dia, veio ás mãos da justiça uma denuncia, em que dizia que elle andava pelas madrugadas pelas margens do rio Genil montado n'um cavallo negro. A *faborita Guardia Civil*, para lá seguiu, a ver se poderia dar-lhe caça como se faz a uma fera.

Uma madrugada — maldita madrugada — em que era feita mais uma espera, o piquete posto de atalaya ouviu os passos d'um ginete no cascálho do rio. A guarda pôs-se de prevenção, alongaram a vista, divisaram um vulto que caminhava lentamente.

Tinham receio de perder o premio que o governo dava pela cabeça do ladrão, e antes de perguntar, quem era, quando o vulto já estava mais perto, n'um impulso nervoso, um dos guardas levou a carabina á cara e desfechou.

Um ai sentido e doloroso se ouviu perdendo-se pelo espaço; um nome de mulher meio pronunciado se apagou nos labios e um corpo rolou do cavallo abaixo.

O cavallo, a nado, atravessou o rio em direcção á Serra, a levar talvês a triste nova aos companheiros, emquanto o corpo de Vicente, *El Moreno*, jazia alli por terra.

....

O sol dourou as penedias dos serros e os campos venturosos! A *Alhambra* parecia um retiro de fadas, nos tempos idos e Granada despertava para o trabalho.

Lá em baixo na casa mourisca, Maria, a *Rosa dé Granada*, cantava despreoccupada;

«Mi amante vá de camino
La Virgen balla con el
Que lo ampare y lo defienda
Asta que lo buelba a ver.»

(1) De namoro.

Pela tarde, a noticia veiu até Granada, e como as más novas correm depressa, Maria perguntou a umas visinhas a veracidade da noticia, e quem era.

E ellas, não julgando ferir o seu coração, contaram com muitos detalhes, que a *Guardia* tinha matado um homem nas margens do rio Genil, e que junto ao coração onde tinham dado o tiro, estava um retrato d'uma velhinha e um caracol de cabellos negros. Que os senhores ricos, tinham dado dinheiro á *guardia*, pela morte d'esse homem que era o famoso ladrão, que tanto trabalho dava aos caminhantes da carretera!

O rosto de Maria mudou em varias feições, os olhos crystalisaram-se, a bocca contrahiu-se, os dedos agarraram nervosamente as saias e meia porta da janella, e os seus labios pareciam querer dizer: é elle, é elle, e o caracol dos meus cabellos; o retrato da sua mãe, e soltando uma gargalhada sinistra e louca, fechou com estrondo a janella. Maria, a *Rosa de Granada*, com a morte do seu amor tinha enlouquecido!

A *guardia*, passado horas, reconheceu o engano, mas tinham matado um bandoleiro. A classe rica, por exemplo, os lavradores, deram uma lembrança á *faborita* por ter morto o terror da capital. Só os pobres, os descalços, os que pedem pelos montes, os famintos, os desherdados da vida, é que choraram copioso pranto pela alma de Vicente, *El Moreno!*

No dia do funeral, o céu estava nublado, parecia tambem chorar as desgraças dos corações, um ferido pela dôr, outro pela ambição do dinheiro.

No caminho para o cemiterio, o cortejo funebre passou á porta do hospital, donde sahia um enterro, era o da *Rosa de Granada* que não podendo juntar-se em vida ao idolo sagrado do seu amor, encontravam-se pela ultima vês na terra, para unir-se para sempre, la no cimo do azul dos céus...

E emquanto os funeraes passavam, um a traz d'outro, e sol desfallecia nas bandas do poento, e um cego, picado de bexigas, cantava de improviso n'uma esquina:

Las almas nunca mueren
Nel cielo se ban jeuntar
No llores tu: alma mia
Que de Dios vas al altar.

Rosa de Granada a muerto
Y muerto está su moreno!
Las estrellas estan de luto
Y de luto, más dos cenos.

VENTURA LEDESMA ABRANTES.

O MEZ METEREOLOGICO

Dezembro 1908

Barometro. — Max. altura 772mm,7 em 30.
» Min. » 751mm,5 em 15.

Thermometro. — Max. altura 16°,7 em 1.
» Min. » 5°,0 em 23.

No dia 23, a média diaria foi de 6°,98; não excedendo a maxima, 8°,8. A média diaria mais elevada foi, em 1, de 14°,92.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 7 dias.
» Nublado 19 dias.
» Encoberto 5 dias.

Chuva em 17 dias. — (Altura mensal 59mm,3).

Vento dominante — N.

Resumo do anno

Temperaturas extremas: 38°,1 em julho e 4°,0 em fevereiro.

Chuva. — 644mm,8 em 93 dias, inferior á média, em 85mm,6 (730mm,4).

Dias de ceu limpo ou pouco nublado 179.
» » » nublado 160.
» » » encoberto 27.
» » nevoeiro 21.
» » relampagos 3.
» » trovões 4.
» » trovoada 6.
» » graniso 5.

NECROLOGIA

Zacharias d'Aça

Tenho pena de me escassear espaço para o muito que tinha a dizer do grande artista das letras, que infelizmente hoje vem enfileirar se nesta galeria de mortos, e tantos já elles são que a vista se perde ao relancear os olhos por ella fóra.

São as letras portuguêsas que mais choram a perda daquelles que mais as honraram; são os amigos que curtem saudades; é um limitado grupo, neste país de analfabetos e indiferentes ás coisas de arte, que sente e lamenta a falta destes cultores do espirito, que formam um mundo áparte, com os seus deuses e os seus crentes.

Zacharias d'Aça pertencia a esse mundo, nascera nelle, vivera para elle, era um predistinado para as letras, com a sua alma de artista, a sua filosofia sã, superior ás miserias e vaidades do vulgo, desinteressado e bom amigo, sem reservas, tão sádio da alma como do corpo, que nunca

ZACHARIAS D'AÇA

o conheci doente, senão ha tres para quatro annos, que foi para morrer, tanto tempo quanto a morte levou a tortural-o.

Pertencia a esse mundo áparte, não ha duvida, e como não pertenceria, se elle quasi abriu os olhos no seio daquella academia literaria de Antonio Feliciano de Castilho, onde tantos literatos se educaram com as lições do grande mestre.

Foi o caso que o pae de Zacharias d'Aça, Francisco Zacharias Ferreira de Araujo Aça, antigo major da guarda real de policia, homem de fina inteligencia e muito saber, morava em casa propria na travessa da Amoreira, avisinhado com Antonio Feliciano de Castilho, que então morava na rua de S. Francisco de Paula, era tambem grande amigo do poeta, e desta amisade resultou o pequeno Zacharias familiarisar-se com a familia Castilho.

Nesta convivencia pois, despontou a mocidade de Zacharias d'Aça que, por assim dizer, se encontrou como o peixe na agua, dada a sua natural disposição para as letras e para o estudo, formando assim melhor o espirito.

Duas paixões se afirmavam vigorosas em Zacharias d'Aça — a Arte e a Caça.

Na primeira tornou-se um critico eminente, porque além do sentimento que o dominava, estudou-a sempre, estudou quanto poude no país, e conhecia as melhores obras dos mestres, chegando a ter uma livraria importante que um incendio devorou.

Nos jornaes e revistas do tempo deixou espalhadas suas criticas de arte, como as não vi ainda escrever a ninguem cá neste cantinho.

Na Caça, foi caçador a valer, companheiro de Bulhão Pato, companheiro e amigo até á morte, que veiu por elle, o que muito terá amargurado os dias do velho poeta, novo sempre no espirito, sonhando lá no Monte de Caparica, como no Alto Parnaso, entre as musas que o acalentam.

Sobre Caça escreveu tambem, e ahi deixou um livro *Caçadas Portuguesas*, onde incluiu *Paisagens e Figuras do Campo*. Precioso livro na fórma, no português, na propriedade, como não é vulgar hoje escrever, mas Zacharias era um mestre, que teve boa escola onde foi dos melhores discipulos.

Não produziu tanto quanto seria para desejar, mas disso só teve a culpa o meio em que se encontrou.

Elle que poderia enriquecer a literatura portuguêsa com os primores do seu talento, teve que vestir a manga de alpaca do burocrata oficial para não morrer á mingua.

E Zacharia d'Aça sahia todos os dias de casa ás 11 horas da manhã para a sua repartição do ministerio do reino. Percorria a distancia que medeia entre o bairro da Lapa até ao Terreiro do Paço, no seu andar compassado, falando a todos os conhecidos que encontrava, detendo-se em largas conversas com os amigos, parando em frente dos mostroarios das livrarias a espreitar algum livro novo que mostravam, entrando dentro do esbelecimento para ver melhor esses livros ou encomendar algum que precisava, e quando afinal era chegado á Arcada, muitas vezes tinham já batido as quatro horas, e os oficios ficavam por fazer.

Zacharias d'Aça a escrever oficios!

O que podia desculpar-lhe esta falta era o irem lá muitos com mais ou menos pontualidade e tambem os não fazerem, mas por não os saber escrever.

Entretanto Zacharias d'Aça sempre ia por ahi espalhando a sua luz, em jornaes e revistas,—e o OCCIDENTE foi o que mais se honrou com a sua colaboração—e livros deixou como *Um D. João de Castro de capa e espada*, estudo historico da aristocracia e sociedade portuguêsa no seculo XVII; *Notice sur D. Louis da Cunha; A côrte da rainha D. Maria I;* versão das *Cartas sobre Portugal de William Beckford; A nova Babylonia; As Intendencias* sobre o celebre Pina Maniquê, etc., sendo o ultimo livro que publicou, em 1907 *A Lisboa Moderna*, e nelle recopilou muitas de suas criticas e lhe deu uma feição bastante original.

Muitos outros trabalhos literarios deixou em preparo e outros prontos a entrar no prelo. De alguns sabemos: *Portugueses, Espanhoes, Franceses, Inglêses, Memorias de meu pae; Contos portuguêses; A França e a Inglaterra*, introdução á côrte de D. Maria I; *Pintores e esculptores portugueses do seculo XIX; Exposições nacionaes, atelieres; Poetas e prosadores modernos nacionaes e estrangeiros; Diario de bordo; Memorias da minha vida.*

Estas memorias devem ser interessantissimas, como em geral são todas as memorias que mais ou menos se prendem com os factos ocorridos na sua epoca e fazem luz na historia.

Já dissemos de quem Zacharias d'Aça era filho, resta-nos pois dizer que Francisco Zacharias de Araujo da Costa Aça, assim era seu nome todo, nasceu em 1840, e que sendo seu pae abastado, se lhe foram os haveres com as lutas dos principios do seculo passado, nas quaes entrou como liberal que era, e por 1828 teve de emigrar para Inglaterra como tantos outros. Muitos dos que voltaram tiveram largas compensações da sua dedicação á causa liberal; o pae de Zacharias d'Aça nada pediu e nada lhe deram, ficando arruinado.

Zacharias d'Aça quasi aos cincoenta annos é que constituiu familia e deixa duas filhas e tres filhos, dos quaes o mais velho tem apenas 17 annos e anda estudando no Liceu da Lapa, e o mais novo dois annos, para não saber avaliar a grande falta que lhe faz seu pae, como a todos os seus irmãos, porque Zacharias d'Aça morreu tão verdadeiramente pobre, como homem de verdade foi em toda a sua vida.

CAETANO ALBERTO.

TEATRO DE D. MARIA — Recitas de caridade, por amadores em beneficio das Oficinas de S. José, de Lisboa

Realisaram-se em as noites de 4 e 5 do corrente, no teatro de D. Maria, duas recitas de caridade promovidas por um grupo de distintos amadores, da primeira sociedade de Lisboa, e oferecidas em beneficio das Oficinas de S. José, desta capital.

Foram duas noites encantadoras, que se passaram na grande sala de espetaculos, concorridas da mais distinta assistencia, e mais dois triunfos para as damas e cavalheiros que tomaram parte nas recitas.

Os espetaculos constaram das comedias *Mañana de Sol* e *L'anglais tel qu'on le parle*, e da zarzuela *El Santo de la Isidra*, em que se distinguiram todos os interpretes no desempenho superior de seus papeis, especialmente a familia Morales de los Rios—paes e filhas—a sr.ª D. Maria Guell, e os srs. D. Jorge de Mello, Pedro Sabugosa, Nuno de Almada, Eduardo Burnay, Alfredo de Abreu, José de Vasconcellos (Figueiró), Maia Cardoso, etc.

Os córos espanhoes, foi um dos numeros do programa que despertou tambem grande entusiasmo nos espectadores, sendo bisados no meio dos maiores aplausos.

E' o grupo dos córos o que a nossa gravura representa.

Deve-se especialisar ainda, na comedia *Mañana de Sol* o dialogo entre Mad.me e Mr. Morales de los Rios, que foi uma verdadeira revelação de artistas consumados, pela arte e encanto com que o disseram.

Raras vezes em recitas de amadores se terá reunido um grupo tão distinto, que satisfaça completamente a assistencia e torne a festa um encanto como foram estas duas recitas em favor das Oficinas de S. José.